A Copa das pragas

UMA AMEAÇA AO CAMPEÃO MUNDIAL DE PRODUTIVIDADE

Luís Carlos Ribeiro*

A COPA do Mundo acendeu a sirene de alerta para os produtores rurais brasileiros. Um levantamento encomendado pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) mostra que os trinta e um países classificados para a Copa do Mundo abrigam, juntos, mais de 350 pragas ainda inexistentes no Brasil. São insetos, ácaros, fungos e vírus que, se introduzidos em nossas lavouras, poderão trazer prejuízos aos agricultores locais e podem até impactar a produção nacional de alimentos.

Os números acima – apresentados de forma resumida no infográfico que ilustra a próxima página – são resultado do estudo de autoria de Regina Sugayama, bióloga e diretora da consultoria Agropec, que afirma que o aumento do trânsito de pessoas entre países nos últimos anos tem ajudado a disseminar as pragas pelo mundo. O levantamento apontou, por exemplo, que, entre os anos de 1901 e 2014, sessenta e oito espécies de pragas exóticas foram detectadas no Brasil – vinte delas somente nos últimos dez anos. Diante destes dados e com a realização de grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, fica evidente a necessidade de reforçar a atenção em fronteiras e aeroportos de todo o País.

De acordo com a FIFA, entidade internacional organizadora do evento, foram vendidos antecipadamente mais de 1,5 milhão de ingressos para os jogos da Copa do Mundo no Brasil – sendo 43% do total para torcedores de outros países. São centenas de milhares de turistas viajando pelo Brasil, por todas as cinco regiões – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste – e passando por estados que têm as áreas mais produtivas do nosso território, o que aumenta consideravelmente a possibilidade de entrada de invasores.

> "...OS TRINTA E UM PAÍSES CLASSIFICADOS PARA A COPA DO MUNDO ABRIGAM, JUNTOS, MAIS DE 350 PRAGAS AINDA INEXISTENTES NO BRASIL."

Os Estados Unidos, com 225 pragas quarentenárias para o Brasil, lideram o *ranking* da possibilidade de entrada de pragas no agro brasileiro. Para agravar a situação, os americanos são também os que mais compraram ingressos para os jogos da Copa: cerca de 190 mil entradas. Os turistas vindos da França, Itália, Austrália e Alemanha também são fonte de preocupação.

Apenas como referência, no período da Olimpíada de Pequim, em 2008, foram introduzidas quarenta e quatro novas pragas na China. Dois anos mais tarde, depois dos Jogos Asiáticos de Guangdong, foram identificadas mais trinta e duas espécies invasoras.

Diante desse quadro, é indiscutível a importância de o Brasil fortalecer sua defesa sanitária no que diz respeito à prevenção da entrada de espécies exóticas, pelas fronteiras secas e úmidas, que possam trazer ameaças e prejuízos à produção rural brasileira. Esse cuidado, vale destacar, vem sendo tratado com especial atenção pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Mas, é preciso mais.

Proteger as fronteiras de um país com dimensões continentais e clima tropical como o Brasil não é tarefa fácil e exige investimento de tempo, dinheiro e recursos humanos. E se engana quem pensa que a defesa agropecuária é necessária somente em momentos especiais, como nos períodos em que os grandes eventos acontecem. Milhões de pessoas deslocam-se entre países todos os dias, no mundo todo. É uma tarefa permanente, pois, uma vez que uma nova praga entra em território nacional e consegue estabelecer-se e se disseminar, o fato de poder não haver inimigos naturais de imediato, nem produtos registrados para o combate, faz do seu controle um desafio complicado.

Poder-se-ia até imaginar que a *Helicoverpa armigera* chegaria ao Brasil. Pois é: a lagarta chegou, estabeleceu-se por meio de condições ideais para seu desenvolvimento e causou prejuízos bilionários à produção nacional, diminuindo a produção de alimentos e *commodities* que abasteceriam, também, outras nações. Precisamos prevenir a entrada de novas "*Helicoverpas*". Proteger a agropecuária brasileira é uma questão de soberania nacional. ■

*Engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e gerente técnico e de regulamentação estadual da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)